

A cultura nas mãos dos candidatos

Políticos dizem o que vão fazer na área cultural

LUIS TURIBA
Especial para o Correio

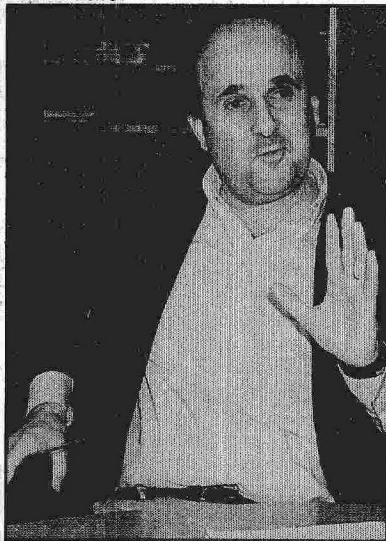
Eles só pensam “naquilo”. Poder, poder e poder. Oficialmente, o único que assume em público a candidatura ao governo de Brasília é o professor Cristovam Buarque, ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB), cujo nome já foi sacramentado pelo PT. Os demais se autodenominam “candidatos a candidato” ao Palácio do Buriti. Mas afinal, se eles só pensam “naquilo”, o que irão propor ao eleitorado sobre cultura e arte. Que planos e projetos eles têm para estes segmentos, sempre tão abandonados e marginalizados por governos anteriores? O que os artistas de Brasília podem esperar desses senhores?

“Há cinco anos que não vou ao cinema”, confessa sem a menor cerimônia o senador Valmir Campelo, virtual candidato ao GDF pelo PTB. Ele, no entanto, não perde um enterro ou um batizado em Samambaia ou Santa Maria. Campelo é também fã de futebol e sempre que pode “bate uma pelada” numa cidade-satélite. “Ele deve achar que este tipo de resposta lhe rende votos na periferia”, atira o professor Cristovam, intelectual de prestígio na Sorbonne, leitor de Borges no original, mas sem a popularidade (e os votos) de Campelo junto à população dos assentamentos.

Se depender de cinema, o secretário de Obras José Roberto Arruda já está eleito. Ele vai ao cinema pelo menos duas vezes por semana, assistiu todos os filmes que concorreram ao Oscar e não se cansou de ver o longa-metragem *A Terceira Margem do Rio*, de Nelson Pereira dos Santos, feito com financiamento do Pólo de Cinema de Brasília. “Sou um cinemólogo”, diz chocando os puristas. Também pudera. Arruda namora a atriz Marianne Vicentino. “Todo o meu pensamento cultural é muito influenciado por ela e por seu trabalho de atriz”, afirma o provável candidato pelo PP à sucessão de Roriz.

O ministro Maurício Corrêa é outro que garante “não ter muito tempo para cinema”. Mas a sua candidatura, como reza a tradição tucana, continua em cima do muro, cambaleando no dilema vou-não-vou. Mas como

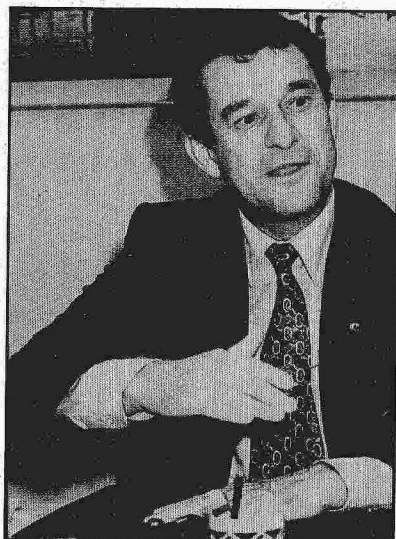
FOTOS: ARQUIVO



Buarque: campanha só de graça



Corrêa: ainda vai dar certo



Campelo: satélite é prioridade



Paulo Octávio: separação

águas passadas não movem moinhos, ele também tem lá no fundo da gaveta sua reflexão cultural. “Há um descaso com a cultura no Brasil que vem sendo tratada num plano inferior”, diz Corrêa. Para ele, “qualquer país que deseja guardar sua memória não pode se descuidar das artes”. O ministro tem esperança que, ainda no governo Itamar, algo de mais significativo possa ser feito pela cultura nacional.

“Assim que a economia se recuperar” — e isso acontecerá muito em breve como consequência do Plano FHC, segundo o ministro — “nós vamos investir na recuperação de monumentos históricos que estão se deteriorando e incentivar com maior dinamismo a produção artística”, explica Corrêa. E Brasília, ministro? “Os nossos patrimônios ainda não sofreram com a deterioração do tempo”, responde, disfarçando.

O candidato do PT não está so-

mente preocupado com um projeto cultural para seu governo. Antes disso, ele quer discutir “as formas de envolvimento dos artistas brasileiros na campanha”. Cristovam está apaixonado pela campanha e quer “trazer a juventude com sua alegria” para dar a tônica, ser o caminho da sua campanha. “Temos que sair por aí afora com muitos artistas, explica. Ele, no entanto, tem uma preocupação quase ideológica com este tipo de envolvimento. Não deseja que ninguém participe em busca de cachê. Não fará showmícios pagos. “Nós vamos bancar os custos de produção, mas os artistas entram com a motivação. Não quero que isso seja um Casamento de interesses”. E finaliza: “casamento tem que ter amor”.

Vale-Ideologia — Tudo por amor à causa? Nem pensar. As maiores vozes culturais de Brasília não pensam assim. Participar das campa-

nhas sim, mas ganhando. E se possível bem. O cantor e compositor Renato Matos, por exemplo, já avisou que não vai trabalhar para ninguém em troca de “vale-trasporte”, “vale-refeição” ou “vale-ideologia”. Matos a cobra e mostrou o pau. O maior hit da televisão candanga, atualmente, é um clip de um minuto com Renato cantando *Melô do Metrô*.

Aliás, é pilotando um comboio do metrô que José Roberto Arruda pretende chegar ao Buriti. O metrô, na sua estratégia de campanha, é um veículo cultural da maior importância. “Cada estação do metrô terá um espaço cultural aberto para a comunidade”, explica ele.

Independente do trem nos trilhos, Arruda tem uma tradicional ligação com a cultura brasiliense. Foi ele o responsável pela montagem do Pólo de Cinema e o primeiro presidente do Conselho Consultivo. Agora, ele jura que, se eleito, dará uma injeção de ânimo e grana na fábrica brasileira de cinema.

“Minha total e irrestrita prioridade será a geração de empregos. Mas precisamos criar empregos inteligentes, especialmente na área cultural. Somente através da arte, vamos derubar o preconceito que o resto do País tem contra Brasília”, explica o secretário de Obras de Roriz.

O deputado Paulo Octávio também se considera candidato a candidato ao GDF e tem dúvidas sobre o futuro do Pólo de Cinema. “Será que vale a pena? Esse Pólo foi lançado com muito estardalhaço mas não produziu quase nada. Em breve, a população vai começar a cobrar resultados”. Octávio é radical em relação ao futuro da Secretaria de Cultura e Esportes. “A primeira coisa que farei é desmembrar em duas. Brasília possui um potencial humano fantástico para o esporte. No entanto, o governo Roriz, embora tenha se concentrado no social, esqueceu totalmente o esporte. Nem o telhado do Ginásio de Esportes, que caiu no dia da posse de Roriz, foi consertado”, explica o deputado que continua sonhando com a realização das Olimpíadas em Brasília no ano 2004.

O senador Valmir Campelo e o professor Cristovam Buarque pensam de maneira semelhante quanto à descentralização do projeto cultural.